

A Crítica de Mikhail M. Bakhtin ao Signo, Conforme Propôs Ferdinand de Saussure

*Francisco Benedito Leite
Universidade Metodista de São Paulo*

Resumo: Através desse artigo pretendemos apresentar a teoria que o filólogo russo Mikhail Mikhailovich Bakhtin propôs a respeito do “signo” em discussão direta com as proposições do célebre lingüista suíço Ferdinand de Saussure. Realizamos esse exercício através de citações extraídas diretamente de livros atribuídos a esses dois autores.

Palavras-chave: Signo; Bakhtin; Saussure; Teoria; Linguística.

Abstract: Through this article we intend to present the theory of Russian philologist Mikhail Mikhailovich Bakhtin proposed on the “sign” in direct discussion with the propositions of the famous Swiss linguist Ferdinand de Saussure. We conducted this exercise through quotes extracted directly from the books attributed to these two authors.

Key-Words: Sign; Bakhtin; Saussure; Theory; Linguistic.

Introdução

Nesse texto pretendemos apresentar as teorias do signo expostas nos livros: *Curso de lingüística geral* escrito em 1916 e *Marxismo e filosofia da linguagem* escrito em 1929. Ambas as obras apresentam dificuldades no que diz respeito à autoria. A primeira delas, embora tenha o conteúdo atribuído a Ferdinand de Saussure, foi uma obra editada postumamente, pois, como o próprio estudioso suíço nunca escrevera nada durante o tempo de sua vida. Seus alunos resolveram transcrever aquilo que haviam aprendido com ele durante as aulas que ele ministrava, mas para tanto, dependeram de

anotações de suas aulas, um método passível de crítica, visto que depende de um intermediário, de um interprete que antecede à transcrição.

No caso da obra atribuída a Bakhtin, o problema foi outro. O referido texto durante muito tempo teve sua autoria atribuída a Valentim Volochínov, amigo de Bakhtin, mas em 1970, o linguista Viatchesláv V. Ivanov apresentou argumentos que apontaram Bakhtin como o verdadeiro autor, de *Marxismo e filosofia da linguagem*, assim como de mais dois livros e um artigo¹. Fato que no futuro fora reconhecido legalmente, apesar da nebulosidade que permaneceria envolvendo o assunto e permitindo que estudiosos até hoje não acreditem nenhum dos textos disputados à Bakhtin.

Diante das dificuldades que envolvem a autoria dos dois livros, preferimos manter o caso em suspenso, pois queremos discutir as teorias quem quer que seja o autor dos referidos textos, porém, ainda que mantenhamos tais questões em aberto, ao menos provisoriamente, nesse artigo manteremos *Marxismo e filosofia da linguagem* relacionado a Bakhtin e o *Curso de lingüística geral* relacionado com Saussure.

No que diz respeito à opinião que Bakhtin tinha sobre Saussure, temos a possibilidade de qualificá-la por meio de textos incontestáveis, como *Os gêneros do discurso*, onde afirma o caráter fictício do Curso de Lingüística de Saussure (2010, p.271), ou podemos citar a frequente crítica de Bakhtin aos estruturalistas, corrente de pensamento que Bakhtin frequentemente relacionada com Saussure. Em seu breve texto *Metodologia das Ciências Humanas* assim afirma:

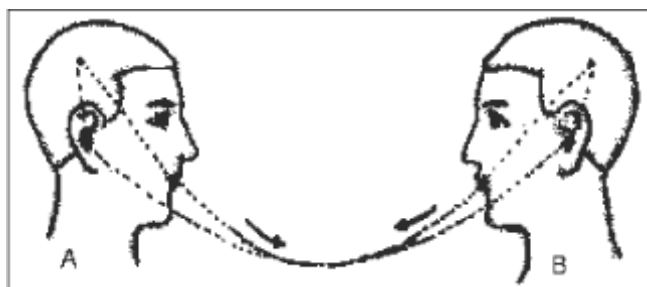
Os estudiosos de literatura contemporâneos (em sua maioria os estruturalistas) costumam definir o ouvinte imanente à obra como ouvinte ideal que tudo compreende; é precisamente esse tipo de ouvinte que se postula na obra. Está claro que não se trata do ouvinte empírico, nem de uma concepção psicológica, de uma imagem de ouvinte na alma do autor. Trata-se de uma formação abstrata, ideal. A ela se contrapõe um autor ideal igualmente abstrato. Em semelhante concepção, o ouvinte ideal é, no fundo um reflexo especular, uma dublagem do autor. Ele não pode introduzir nada de seu, nada de novo na obra interpretada em termos ideais nem no plano idealmente

¹ Os referidos livros são *Freudismo* – também atribuído a Valentin Volochínov – e *O método formal nos estudos literários*, atribuído a Pavel Medvedev, assim como o artigo *Discurso na vida, discurso na arte*.

completo do autor. Ele está no mesmo tempo e espaço que o próprio autor, ele, como o autor, está fora do tempo e do espaço (como qualquer formação abstrata ideal), e por isso não pode ser *o outro* (ou um estranho) para o autor, não pode ter nenhum *excedente* definível pela *alteridade*. Entre o autor e tal ouvinte não pode haver nenhuma interação, nenhuma relação dramática ativa, por quanto eles não são vozes mas conceitos abstratos iguais a si mesmo entre si. Aí só são possíveis abstrações tautológicas vazias, mecanicistas e matematizadas. Aí não há um grão de personificação (2010, p.405).

Portanto, ainda que *Marxismo e filosofia da linguagem* e o *Curso de lingüística geral* não pertençam respectivamente a Bakhtin e Saussure, ainda assim, eles representam as ideias e as teorias de dois círculos intelectuais que se opõem. Assim, nos propomos a apresentar a crítica que “Bakhtin” realizou à tradição lingüística saussuriana.

O signo na comunicação

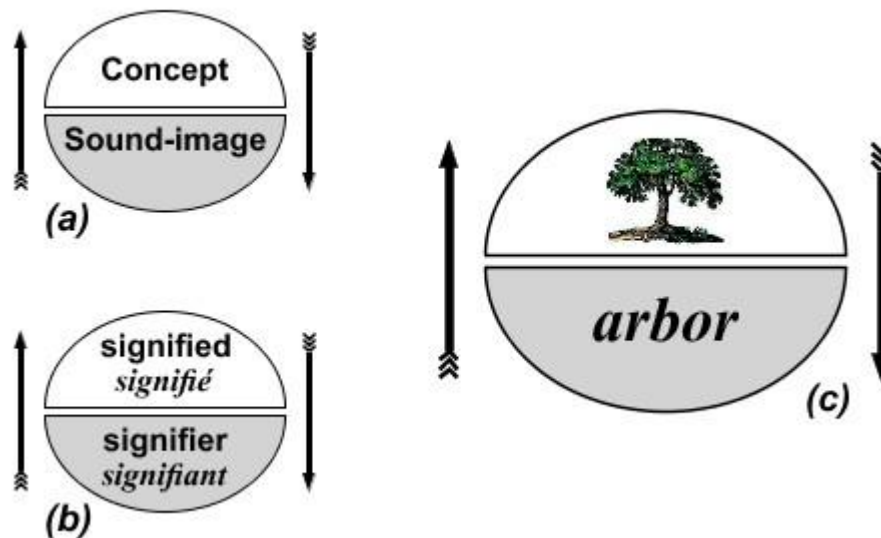


Esquema proposto por Ferdinand de Saussure (2006, p.19)

A figura acima se encontra no texto de “Saussure” e fazia parte de suas aulas apresentar o seguinte esquema de comunicação, onde, como podemos notar, o ponto inicial do sistema situa-se no cérebro, onde está a consciência que é um elemento interno do indivíduo, como postularam as teorias recentes (em sua época) de Sigmund Freud.

A consciência exprime os “signos” que conforme essa teoria são transmitidos ao interior das consciências quase que platonicamente, pois, conforme também está ilustrado no texto atribuído a Saussure, o “signo” está dividido em duas partes, “significado” ou “conceito” e “imagem acústica” ou “significante”, portanto o signo lingüístico une um conceito a uma imagem acústica (ou seja, o próprio signo pode ser

designado como tal união), porém o texto de Saussure assevera que o signo linguístico, sendo esse laço que une as duas partes referidas, é arbitrário, visto que ninguém questiona o fato óbvio de um mesmo conceito ser comunicado por diferentes imagens acústicas. Conforme demonstramos através da imagem adaptada do texto de Saussure (2006, pp. 80,s.).



Porém, se lemos nas páginas do *Curso de Lingüística Geral* que o signo é arbitrário, devido à óbvia arbitrariedade do significante nas diversas línguas e dialetos, nos questionaremos quanto à possibilidade da arbitrariedade do significado. Seria ele também arbitrário por natureza? Ou o significado seria, como a “ideia” para Platão é algo perfeito, imutável e igual em todas as mentes?

Para responder essas perguntas dentro do próprio texto de Saussure temos a seguinte afirmativa:

Para bem compreender tal papel [papel do sistema da linguagem] no entanto, impõe-se sair do ato individual, que não é senão o embrião da linguagem, e abordar o fato social. Entre todos os indivíduos assim unidos pela linguagem, estabelecer-se-á uma espécie de meio termo; todos reproduzirão – não exatamente, sem dúvida, mas aproximadamente – os mesmos signos unidos aos mesmos conceitos (2006, p. 21).

E mais a diante:

A língua existe na coletividade sob a forma de uma soma de sinais depositados em cada cérebro, mais ou menos como um dicionário cujos exemplares, todos idênticos, fossem repartidos entre os indivíduos (*idem*. p. 27).

Essa teoria da linguagem se revela bastante idealista, pois, apesar da consciência ser um elemento interior, por absurdo que pareça, existe um “dicionário” repartido nas mentes de todos os indivíduos para que assim exista a possibilidade de comunicação mediante a transcendência do “significado” – ou “conceito”.

Por isso, nossa crítica se dirige à tirania e a falta de solidariedade (na compreensão) expressa por essa teoria, pois, caso pensemos que os mesmos conceitos estão nas mentes de todas as pessoas, então nada justifica as discussões, todos devem pensar de igual maneira, como ilustra a primeira imagem, aquilo que está na cabeça de um indivíduo é transmitido para a cabeça do outro (seja qual for o meio: fala, escrita, sinalização, etc.), exatamente da mesma maneira que estava no interior da primeira, da mesma forma como o primeiro indivíduo a pensou. Ainda devemos destacar na imagem, a passividade de quem escuta, apenas é ativo aquele que fala. Portanto, já que quem fala é ativo, quem ouve é passivo e o significante é plenamente compreensível, existe uma obrigação de coerência no diálogo que não presume o desacordo e a discussão, nem a diferença entre ideias. Esse tipo de compreensão da linguagem foi intitulado por Bakhtin como “monológico”.

Foi exatamente essa teoria que dominou, durante muito tempo, os diferentes estudos que se relacionam com a linguagem, seja a filologia, a linguística, os estudos literários, as gramáticas, a exegese, dentre outros. Pois, pensava-se, ainda que inconscientemente, que como os conceitos são plenamente comunicáveis, visto que estão de igual forma em todas as mentes, existe a possibilidade de conhecermos às ideias alheias por mais longínquas que estejam.

Apesar da predominância, atualmente nas diferentes áreas do estudo da linguagem existem várias formas de superação ao paradigma de Saussure. Por exemplo, o linguista estruturalista russo Roman Jakobson, em seu livro *Ensaio de linguística*

geral (1963) propõe uma mudança de paradigma na análise da linguagem, em que a tensão passa a estar entre o enunciado e o receptor, ao invés de estar por trás do texto lido. Hans Robert Jauss (1994) e Wolfgang Iser (1999) também propuseram uma mudança no paradigma da linguagem, segundo a qual o receptor deve estar no lugar central. Para os formalistas russos – escola com a qual Bakhtin rivalizou² – ao menos em sua primeira fase, o que importa é o texto e nada que esteja fora dele é relevante. Além disso, outras respostas também foram dadas, por outros estudiosos renomados, mas aqui nos importaremos unicamente com a resposta de Bakhtin e seu círculo, por motivos óbvios.

Em *Marxismo e Filosofia da linguagem*, Bakhtin dedica boa parte de seu volume à crítica do que ele chama de “objetivismo abstrato”, que teve Ferdinand Saussure como sua mais brilhante expressão (2010, p.86). Objetivismo abstrato é a forma como Bakhtin nomeia a corrente de compreensão linguística que desencadearia o estruturalismo de Saussure, e lembremos-nos que na referida obra, a intenção de Bakhtin fora rejeitar as duas correntes linguísticas que dominavam o cenário acadêmico de sua época – a saber, além do objetivismo abstrato, ele rejeita também o subjetivismo individualista, representado pela figura de Wilhelm von Humboldt – para que, após a crítica a essas duas teorias da linguagem, ele apresentasse, ainda que brevemente, sua teoria socioideológica da linguagem, onde se destaca o diálogo, e então onde seria apresentado seu famoso conceito de dialogismo, retomado em suas demais obras.

Para a socioideologia do círculo de Bakhtin a tensão e a importância da linguagem não estão na transcendência dos signos como afirmou Saussure, tampouco está unicamente no interior do próprio texto, como os seus rivais formalistas da primeira fase afirmaram; para Bakhtin a tensão e a importância da linguagem está no diálogo, direto ou indireto; está na incompletude do espaço discursivo criado entre os interlocutores.

Pois, segundo Bakhtin todas as correntes filosóficas contemporâneas à sua época tinham uma compreensão monológica dos fenômenos linguísticos de uma forma geral. Sua proposições em resposta às filosofias contemporâneas, foi o que ele chamou de socioideologia. Teoria que possui, dentre muitas outras, duas premissas que

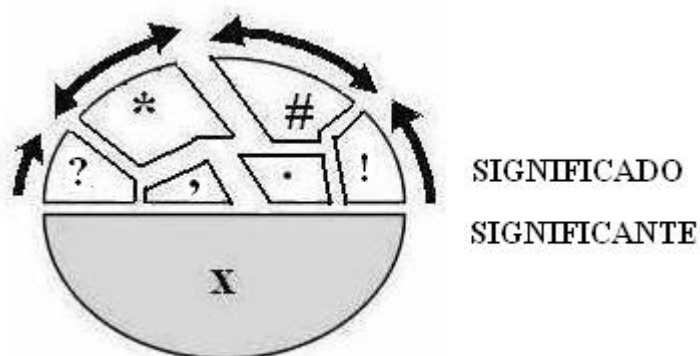
² _____/MEDVEDEV, Pavel. *El método formal em los estudios literários*. Buenos Aires: Alianza, 1994.

destacamos por estarem em oposição direta aos postulados de Saussure. Em primeiro lugar, em resposta ao conceito de “signo” afirma o seguinte:

Consequentemente, em todo signo ideológico confrontam-se índices de valores contraditórios. O signo se torna a arena onde se desenvolve a luta de classes. Esta plurivalência social do signo ideológico é um traço de maior importância. Na verdade, é este entrecruzamento dos índices de valor que torna o signo vivo e móvel, capaz de evoluir. O signo, se subtraído às tensões da luta social, se posto à margem da luta de classes, irá infalivelmente debilitar-se, degenerará em alegoria, tornar-se-á objeto de estudo dos filólogos e não será mais um instrumento racional e vivo para a sociedade. A memória da história da humanidade está cheia destes signos ideológicos defuntos, incapazes de contruir uma arena para o confronto dos valores sociais vivos. Somente na medida em que o filólogo e o historiador conservam sua memória é que subsistem neles ainda alguns lampejos de vida” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2010, pp. 47s.).³

Na figura abaixo, tentamos demonstrar que não há apenas um significado para cada significante. Entre os significados há uma guerra, uma luta, que se trava mediante o diálogo, pois a comunicação não é a simples transposição passiva de signos de uma consciência para a outra, mas há uma disputa presente no diálogo diante do ato de “significar”. Dessa maneira, quem fala atribui um significado a um significante, e quem ouve atribui outro significado ao mesmo significante, dependendo do momento, completamente diferente do atribuído por quem falou, pois no diálogo tanto quem fala, quanto quem ouve são igualmente ativos. Portanto, embora os significantes (as imagens acústicas) transmitidos no diálogo sejam os mesmos, seus significados podem ser distintos, os signos compostos nos dois lados do diálogo podem ser bem diferentes mesmo em um diálogo concreto, quanto mais em um diálogo no longo tempo.

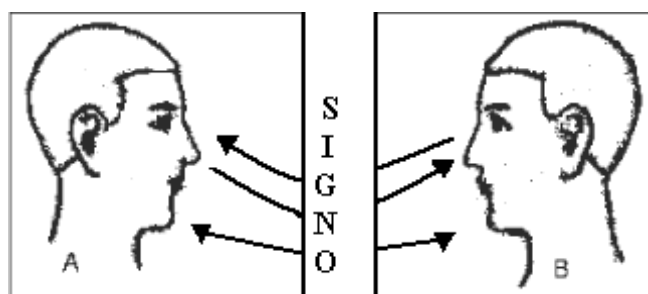
³ Grifo nosso.



Nossa compreensão do “signo” conforme a teoria de Bakhtin

Isso nos remete a uma segunda crítica de Bakhtin à teoria de Saussure, não apenas a ela, mas também, a filosofia idealista e ao psicologismo contemporâneos de sua época – sobretudo a Sigmund Freud⁴ – que é a afirmativa de que “a ideologia está situada na consciência” e que “a consciência é um elemento interior”. Para Bakhtin, isso que os intelectuais chamam de consciência não passa de uma ficção (2010, p. 122). Assim afirma: “O centro organizador de toda enunciação, de toda expressão, não é interior, mas exterior: está situado no meio social que envolve o indivíduo” (*idem*, p. 125). Em contrapartida às teorias contemporâneas, Bakhtin propõe a ideia de que a “consciência individual é um fator socioideológico” (*idem*, p.35), os signos não são transcendentais, mas estão na sociedade, quando alguém se comunica com outro, o signo é transformado pelo meio social, devido à ideologia, que está no exterior do homem, quando esse signo chega ao interior de outra mente, ele já chega transformado, pois a audição também exerce atividade transformadora. Assim propomos que a seguinte imagem corresponda à teoria da comunicação de Bakhtin em sua oposição direta a Ferdinand de Saussure.

⁴ O círculo de Bakhtin dedicou um livro inteiro a questionar os conceitos de Freud: *Freudismo* São Paulo: Perspectiva, 2010.



Nossa compreensão do esquema comunicativo proposto por Bakhtin

Esse mesmo fenômeno de transformação do signo durante a comunicação foi aplicado por Carlo Ginzburg à história e intitulado como “filtro deformador”⁵. Com ele podemos afirmar que na comunicação, às vezes, fala-se uma coisa e compreende-se outra, em outros casos, fala-se uma coisa, querendo-se que se compreenda outra, como estratégia de persuasão, pois a audição, somada ao meio social, que está entre os dois interlocutores, é um elemento ativo no diálogo.

Mais algumas considerações

Ainda que brevemente, apresentamos duas teorias a respeito do “signo”, a primeira – de Saussure – já vem sendo questionada a um bom tempo, devido ao seu idealismo e ao seu positivismo, que cada vez são mais passíveis de crítica no cenário intelectual contemporâneo, mas, de alguma forma, ainda que veladamente, sobrevive nos estudos humanísticos.

Em segundo lugar, apresentamos a teoria de Bakhtin, a qual, disputa seu espaço nas epistemologias contemporâneas, mas de maneira alguma se pode dizer que esta seja amplamente aceita. Mas a apresentamos em oposição direta a de Saussure para demonstrar a crítica de Bakhtin, e sua forma de resignificar o “signo”, que está na base de qualquer teoria semiótica.

Assim, pretendemos demonstrar que no cenário intelectual contemporâneo possuímos formas solidárias, altruístas, que privilegiam na comunicação a esfera

⁵ *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*

inacabada que se impõe na relação “eu e o outro”, não privilegiando nem o primeiro, nem o segundo da relação, mas o que há entre eles, nesse espaço comunicativo.

Referências bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____/MEDVEDEV, Pavel. *El método formal em los estudios literários*. Buenos Aires: Aliaza, 1994.

_____/VOLOCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem – 14ª edição*. São Paulo: Editora Hucitec, 2010.

_____/VOLOCHINOV, Valentin. *O freudismo*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição – 9ª edição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura – VOL I*. São Paulo: Editora 34, 1999.

JAKOBSON, Roman. *Essais de linguistique générale*. Paris: Ed. Minuit, 1963.

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à ciência da literatura*. São Paulo: Ática, 1994.

SALUM, Isaac Nicolau. *Prefácio a edição brasileira* In: SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística Geral – 27ª edição*. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Editora Cultrix, 2006.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística Geral – 27ª edição*. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Editora Cultrix, 2006.